

## Política com farra

A Festa da Chiquita e a expressão política de LGBTs em Belém/PA desde o regime militar (1976-)

João Filipe Araújo Cruz e Igor Costa Pereira de Souza

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/3007>

DOI: 10.4000/pontourbe.3007

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Referência eletrónica

João Filipe Araújo Cruz e Igor Costa Pereira de Souza, « Política com farra », *Ponto Urbe* [Online], 18 | 2016, posto online no dia 31 julho 2016, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/3007> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3007

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

---

# Política com farra

A Festa da Chiquita e a expressão política de LGBTs em Belém/PA desde o regime militar (1976-)

João Filipe Araújo Cruz and Igor Costa Pereira de Souza

---

## AUTHOR'S NOTE

### Indicação de Filme

AS FILHAS DA CHIQUITA. Direção e roteiro: Priscila Brasil. Belém: Produção: Graça Brasil, 2006. Disponível em: <[http://https://vimeo.com/20730182](https://vimeo.com/20730182)>

## Entrevistado

- 1 Elói Iglesias - Fundador e organizador da Festa de Chiquita tombada pelo IPHAN e que acontece durante o Círio de Nazaré.

## Introdução

- 2 Maior procissão católica do Brasil, e uma das maiores do mundo, o Círio de Nazaré convive desde 1976 com a Festa da Chiquita. Festa que surgiu sob período ditatorial (1964 - 1985) e pode ser considerada a mais antiga manifestação cultural e política da comunidade LGBT brasileira. Pensá-la, a partir de sua interação com o Círio e com a Igreja Católica significa, dentre outras coisas, problematizar questões como resistência, visibilidade e apropriação do espaço urbano por *minorias*. Não por acaso essa relação, ao longo das décadas, tem sido tensa e correntemente entendida a partir da oposição entre as noções de sagrado e profano, tanto pela academia, quanto por agentes participantes de ambos eventos, incluindo-se aí, agentes estatais, religiosos, midiáticos e a sociedade toda.

- 3 Inicialmente a Chiquita reunia boêmios, intelectuais, artistas, e se configurava em um espaço acolhedor para os ditos excluídos (como homossexuais e prostitutas). Atualmente, de acordo com os organizadores, a Chiquita reúne algumas dezenas de milhares de pessoas e transformou-se numa enorme manifestação cultural e política da comunidade LGBT.<sup>1</sup>
- 4 Com o tombamento do Círio de Nazaré pelo IPHAN<sup>2</sup> em 2004, a Chiquita, ainda que a contragosto da Igreja, foi incluída no processo e já não pode ser extinta, o que não implica necessariamente em relações menos tensas para a realização da Festa.<sup>3</sup>



Créditos: Valmerson Barbosa da Silva

- 5 Em 2014, parte da Chiquita desembarcou em São Paulo para uma participação na Parada LGBT da cidade e aceitou realizar uma intervenção na Preparada, festa organizada por estudantes LGBT do curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. Um dos membros fundadores da Festa da Chiquita, Elói Iglesias, é cantor, compositor, ator, performer e artista popular premiado com o prêmio Estímulo Funart de 1996. Conhecido em Belém por misturar artes multimídias com ritmos populares, Iglesias, é, atualmente, uma das principais lideranças da Festa da Chiquita. Esteve presente desde seu primórdios e se constitui em testemunha/agente dos percalços, negociações, tensões e consolidação da Festa Filhas de Chiquita. A entrevista a seguir é resultado do encontro entre Elói Iglesias, um dos fundadores e atualmente um dos principais organizadores da Chiquita, e uma nova geração em formação.

**ENTREVISTADORES:** Antes de começarmos você poderia se apresentar...

**Elói:** Meu nome é José Elói Iglesias Comesanha. Meu nome é artístico é Elói Iglesias. Sou um artista multimídia e minha formação é até o segundo grau, mas na universidade fiz cursos de formação de ator, dança, participei de alguns grupos de teatro. Participei de cinema, fiz super 8 na década de 60 e 70. Sou da geração do AI-5 então, assim, sou um artista que vai da dança e passo pelo teatro, pela performance e transito muito bem em

todas as áreas e artes dramáticas do palco. Da maquiagem ao cenário, *da vassoura ao glamour*.

**ENTREVISTADORES:** E qual a sua relação com a Chiquita? Você poderia falar um pouco da festa?

**Elói:** Eu trabalho na Chiquita. A Festa da Chiquita é um *movimento* que acontece desde a década de 70, ou seja, no auge da Ditadura Militar. A primeira Chiquita é de 1976 e já naquela década começou a *abertura*. Inicialmente era um bloco de carnaval que se transformou em uma *manifestação* no centro de Belém do Pará. Ela acontece no coração da cidade, no caminho da procissão religiosa que é o Círio de Nazaré, uma das maiores procissões católicas do mundo - se não for a maior! A Chiquita acontece na chamada Procissão Noturna ou *Procissão às Escuras*. A Santa sai do colégio Ingrid Bittencourt que fica ao lado da Igreja de Nazaré e é levada até a Sé da cidade que é no centro. Ela atravessa todo este percurso e a Chiquita acontece justamente no centro nervoso da procissão, onde tem a praça da República, o teatro de Nossa Senhora da Paz.

**ENTREVISTADORES:** O surgimento da Chiquita remonta à época da ditadura. Como acontecia a organização do evento e como se dava a relação com lideranças da Igreja Católica?

**Elói:** Existem os guardas da Santa que é a *Diretoria do Círio de Nazaré*. É uma organização disputada no tapa, pois, como ocorre com toda posição de poder, as pessoas acabam querendo fazer parte dessa diretoria. Elas querem o poder. Durante a organização do Círio, ou seja, durante o ano todo, essas pessoas possuem entrada livre em todos os setores da sociedade paraense.

Nos anos 70, nós tentamos brincar um pouco com isso. Com a coisa desse poder. Naquela época, os movimentos sociais, principalmente o que hoje se chama de movimentos *LGBTs*, mas que naqueles tempos eram chamados de *Movimentos Gays* - tendo em vista o que aconteceu nos Estados Unidos com o Harvey Milk e aquela galera de São Francisco - refletiu inconscientemente nas pessoas por aqui. Com essas referências todas, começamos a brincar com isso e criamos uma *diretoria paralela* da Festa, mas de uma maneira mais avacalhada, mais anárquica e com os referenciais da contracultura, começamos a brincar com esse poder das elites locais.

**ENTREVISTADORES:** O prêmio *Veado de Ouro* foi inicialmente criado para denunciar um jornalista homofóbico e conservador, mas com o tempo o prêmio foi ressignificado e passou a ter uma conotação positiva. Como isso se deu?

**Elói:** Tinha um jornalista naquele tempo que falava muito mal de gays e decidimos dar um prêmio chamado *Troféu Oliveira Bastos*<sup>4</sup>, mas acabamos retirando o nome dele e acabou ficando *Veado de Ouro*. A Chiquita era inicialmente composta pela classe média, por intelectuais, por artistas, por escritores, por pensadores. Era uma galera que tirava sarro da situação em que estávamos. Eventualmente o prêmio tomou outra formatação e se transformou em um escudo exatamente para aquele grupo, e era um grupo grande. Belém sempre teve uma vocação LGBT muito grande, talvez porque estamos na mata, dentro da Amazônia.

A Chiquita se tornou tanto um escudo protetor quanto uma referência local e, quando começamos, a festa era no chão, tinha o Livro de Ouro que passávamos entre as pessoas para levantar dinheiro para pagar o *carimbó*<sup>5</sup>, alguma aparelhagem que nem chega perto ao que temos hoje que é um evento grande e super avacalhado, despojado, com palco, iluminação, som, temos uma área VIP e a divulgação é feita boca-a-boca. O prêmio não

tinha uma conotação política formal como a que temos hoje. É um prêmio que concedemos faz 36 anos.

**ENTREVISTADORES:** Como você relaciona a Festa da Chiquita com a cidade de Belém e com a cultura paraense?

**Elói:** A Chiquita acabou se tornando uma festa da cultura popular paraense. As pessoas vêm, são curiosas e se preparam para a festa. Tem carimbó e música eletrônica, de boate mesmo, mas costumávamos ter muito mais carimbó e queremos voltar a fortalecer essas raízes. Existe um costume aqui que é falar "*Te vejo na Chiquita!*". A Chiquita hoje faz parte do espírito da cidade, do imaginário do povo de Belém. Uma festa com 36 anos a qual as pessoas pensam nela como um arraial do Círio onde as pessoas se encontram e uma síntese de todo o ano acontece entre elas. As pessoas que você não encontra na Chiquita ou é porque estão mortas ou é porque não estão na área, pois é obrigatório comparecer. As pessoas se organizam, as de fora fazem seus roteiros para vir. Aparecer na Chiquita é quase uma coisa sagrada.

**ENTREVISTADORES:** Qual o perfil dos frequentadores da Chiquita e como se alterou ao longo dos anos?

**Elói:** Hoje vemos pessoas que não vêm para o Círio e sim direto para a Festa. Mas sempre afirmamos que a Chiquita está atrelada ao Círio, a este contexto da cultura de Belém. Sempre falamos isso, porque já tentaram nos tirar do Círio, mas *não queremos*. Somos o lado profano da celebração religiosa e não podemos sair deste contexto. Quando a Igreja solicitou o tombamento do Círio queriam que passassem direto por nós e nos esquecessem. O IPHAN falou que era impossível passar por cima das quase 70 mil pessoas que ficam nos entornos da Procissão, tirando onda, brincando. São travestis, gays, lésbicas e outros. Fomos registrados no IPHAN como patrimônio imaterial, mas contra a vontade da Igreja. O Círio é tombado e fomos junto como patrimônio nacional e isso nos ajudou, nos fortaleceu nas solicitações e pedidos para a realização da Chiquita.

**ENTREVISTADORES:** E atualmente, como é a relação com a Igreja?

**Elói:** A Igreja mudou muito seu posicionamento após o registro formal do tombamento da Chiquita. Acabamos nos tornando uma homenagem à Santa de certa maneira. Temos ainda todas as dificuldades do início, de quando começamos a festa, mas agora estamos com 36 anos de idade e as pessoas, vivas ou mortas, comparecem e com o diferencial que, atualmente, o movimento social tomou conta da Festa. A Festa é pró-movimento social - o que difere muito de antigamente quando éramos compostos basicamente por intelectuais e artistas. O movimento social comparece e vários ícones já ganharam prêmios como Jean Wyllys e Marta Suplicy.

**Entrevistadores:** Então o tombamento fortaleceu a Festa perante a Igreja...

**Elói:** O tombamento preserva o evento e, a partir dele, as pessoas que têm que dar um jeito de a Festa acontecer. Antes tinha a desculpa de que a Chiquita atrapalhava o fluxo, mas agora como foi tombada temos um lugar próprio para ficar. Agregamos algumas coisas de três em três anos, pois o processo burocrático do tombamento é refeito<sup>6</sup>.

**ENTREVISTADORES:** Você sempre enfatiza que a Festa Chiquita representa o lado profano do Círio. Como você articula esse aspecto da Chiquita em contraste com o que é considerado sagrado presente no Círio?

**Elói:** O profano depende da perspectiva. A Igreja mesmo já realizou coisas muito mais profanas: censura de ideias, de comportamentos. O profano pode estar em vários lugares e eu gosto de acreditar que somos os santos dessa história. As grandes bruxas,

hoje em dia, são os gays que merecem ser queimados em praça pública. O nosso profano se refere à liberdade e ao amor e as pessoas não sabem mais como conviver com essas características da vida humana.

**ENTREVISTADORES:** Atualmente qual é a relação entre a Festa e os governos estadual, municipal e as forças de segurança pública?

**Elói:** As pessoas que estão no poder hoje já frequentaram a festa antes e por mais que vejam a Chiquita de maneira diferente, hoje em dia, precisam disponibilizar recursos para algumas partes da infraestrutura. O governo do Estado fornece alguma estrutura e o município participa também, pois somos quase que *agentes públicos*. Atualmente, as relações são as mesmas, mas a grande diferença é que as pessoas sabem que você existe e que não está falando de nada fictício. Corremos atrás das necessidades e acabamos questionando o Estado. O segmento gay aqui é muito grande. A Parada Gay de Belém reúne cerca de um milhão de pessoas. O Pará é um dos estados que mais tem Paradas do Orgulho no país. Temos cinquenta e quatro paradas. E a Chiquita como possui um espírito da cultura local, a festa acaba atraindo pessoas de todos os lugares. Gente de todos os lugares, de cento e poucas cidades. Elas se convidam, sabem o que está acontecendo e o que não está acontecendo, é quase como um carnaval fora de época, uma micareta.

**ENTREVISTADORES:** Como se configuram os espaços de sociabilidade de homossexuais na Belém atual e como mudaram ao longo dos anos?

**Elói:** Aqui sempre houve pegação homossexual, quase uma coisa meio tribal ou indígena. Há espaços próprios para isso e espaços que viram isso. Há uma movimentação das pessoas em direção ao debate sobre liberdade, uma maior exposição e um movimento atuante. Os movimentos das trans e das travestis são bem ativos. Temos esportes LGBTs como queimadas e outros esportes. Temos o calor. A nossa região já deixa a pessoa aberta a isso. *O calor e a floresta só te agregam.*

**ENTREVISTADORES:** Você poderia explicar melhor essa comparação com um comportamento tribal?

**Elói:** Aqui todos nós temos sangue de índio. A cultura indígena é muito forte. Somos, na verdade, uma Bahia de índios e essa é nossa história. Aquela Bahia que vocês conhecem, sabe? Nós somos daquele jeito, mas com índios e não com negros. Nossa cultura é toda pontuada pelo aspecto tupiniquim.

**ENTREVISTADORES:** Como se relacionam o catolicismo e as sexualidades?

**Elói:** (risadas) Sabe que quanto mais gay e mais trans se é, mais católico se é! Aqui todas são carolas e a religiosidade é muito forte. Todas as casas possuem imagens da Virgem, as pessoas todas vão para a igreja. As pessoas têm suas respectivas religiosidades e sempre questionam isso também, se são respeitadas e se suas crenças são respeitadas por outros também. Eles são tementes a Deus.

A Chiquita só começa depois que a Santa passa, pois seria uma confusão, seria complicado. Algumas carolas católicas acham que a Chiquita deveria acabar, mas isso é coisa da tradicional família paraense que é muito forte. Durante a Chiquita têm aqueles que fazem cara triste, de bravo, de feliz. Tenho minhas críticas à Igreja católica, a religiosidade da população é muito forte.

**ENTREVISTADORES:** Como é a interação entre o público da Festa e o palco? Quem sobe ao palco?

**Elói:** O palco é aberto para travestis, artistas, enfim, é de livre acesso. Não temos nada feito. Sem roteiro. Lá é cultura espontânea, ninguém prevê nada. Só colocamos a estrutura, concedemos os prêmios e as pessoas aparecem.

**ENTREVISTADORES:** Como você definiria a violência homofóbica em Belém nos dias atuais?

**Elói:** Assim como é forte a sexualidade do povo de Belém, também o é a agressividade. Quanto mais espaços se conquista mais o outro perde espaço e acaba se configurando uma briga por territórios. As pessoas viam você ocupando os lugares e pensavam que antigamente ninguém mexia com ninguém, mas agora as coisas são mais abertas e ficam com isso na cabeça delas. Essas relações são variadas, dependem dos lugares em que se encontram. Sabemos que em cada localidade se faz política de forma diferente. Alguns podem achar que a Chiquita é só mais uma festa, mas é o nosso jeito de fazer política. A política com festa, com radicalidade, com farra, com diversão. É nossa forma de dizer que estamos vivos, que estamos aqui, que podemos amar e ocupar a cidade e é assim que sabemos fazer política.

## BIBLIOGRAPHY

DIÁRIO DO PARÁ. 2015. Chiquita é Barrada na Festa do Círio. Belém, 28 jun 2015. Entretenimento e Cultura. Disponível em: (<http://http://www.diarioonline.com.br/entretenimento/cultura/noticia-335325-chiquita-e-barrada-na-festa-do-cirio.html>). Acesso em: 01 dez 2015

GABBAY, Marcello M. Representações Sobre o Carimbó: tradição x modernidade. In IX Congresso das Ciências da Comunicação, 9, 2010, Rio Branco. ANAIS UFAC, 2010, p.02. Disponível em: <<http://http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2010/resumos/R22-0223-1.pdf>> Acesso em: 02/02/2015.

RIBEIRO, M.. A Filha da Chiquita Bacana: uma etnografia da Festa da Chiquita em Belém-PA. In: 36º Encontro Anual da ANPOCS, 2012, Águas de Lindoia. Anais do 36º Encontro Anual da ANPOCS - online, 2012.

RIBEIRO, M.. No sábado à noite é só deixar a Santa passar: uma etnografia da Festa da Chiquita em Belém-PA. In: XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2011, Salvador. Anais Eletrônicos do XI CONLAB - online. Salvador, 2011.

## NOTES

1. O número de participantes anual da Festa da Chiquita é um dado em disputa. De acordo com os organizadores, os participantes somariam em torno de setenta mil pessoas, enquanto para órgãos governamentais o número estaria próximo de quarenta mil).

2. <http://diariodopara.diarioonline.com.br/impressao.php?idnot=115160>

3. As disputas em torno do valor histórico da Festa de Chiquita sofreram mais uma reviravolta no ano de 2015 quando a Câmara Municipal de Belém propôs o tombamento do Círio de Nazaré, mas

vetou a inclusão Festa da Chiquita como parte do acervo a ser protegido. Disputas entre os organizadores da Chiquita e poderes estatais locais são aludidos na entrevista por Elói Iglesias.

4. O Troféu Oliveira Bastos era representado por um veado de gesso branco coberto por tinta dourada.

5. Baseado em influências indígenas, africanas e ibéricas, o carimbó, se constitui em um dos gêneros de música e dança mais tradicionais da região norte do país. Inicialmente performatizado por cativos, o carimbó, ganhou grande popularidade em festejos populares. “(...) o nome deriva do instrumento de percussão indígena, principal artefato para a realização dos encontros em terreiros, o curimbó, feito de tronco de madeira e pele de animal, é um marco simbólico desta manifestação popular, caracterizada por sua função comunicacional e vinculativa em torno dos rituais religiosos, festas populares e reuniões sociais” GABBAY (2010:02).

6. O reconhecimento do IPHAN de que a Chiquita é parte integrante do Círio não faz com que as tensões desapareçam. Parece haver uma tentativa de apagamento da Chiquita, por parte da Diretoria da Festa Nazarena, por exemplo, ao não colocá-la no calendário oficial presente no site da organização do Círio (ainda que a festa ocorra há quase 40 anos e, na prática, faça parte do Círio). Há também as tensões entre a Chiquita e a Diretoria da Festa e órgãos da administração metropolitana que precisam ser resolvidas todo ano para garantir a manutenção da Festa da Chiquita. Questões como consumo de bebidas alcoólicas, que deixa o local onde a festa acontece sujo e, portanto, pode prejudicar os romeiros; desgaste de pedras portuguesas, pela instalação do palco da festa, que compõem a calçada e são protegidas por lei por serem símbolo da Belle Époque; incidência de assaltos e brigas.

---

## AUTHORS

### JOÃO FILIPE ARAÚJO CRUZ

Graduando em Ciências Sociais/USP/FFLCH

E-mail: [joao.filipe.cruz@usp.br](mailto:joao.filipe.cruz@usp.br)

### IGOR COSTA PEREIRA DE SOUZA

Historiador, cientista social e mestrando em Antropologia Social/USP/FFLCH

E-mail: [igor.costa.souza@usp.br](mailto:igor.costa.souza@usp.br)